

## Flora na Academia

**RUBENIO MARCELO** – poeta/escritor e ensaísta, Cadeira nº 35 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

A nossa saudosa confreira escritora Flora Egídio Thomé, que ocupou a Cadeira 33 da ASL, terá a sua obra e a sua vida lembradas na quinta-feira, dia 26, a partir das 19h30min, na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, por ocasião do evento Roda Acadêmica, que será apresentada pelas acadêmicas Marisa Serrano e Iledes Muller, e pelo confrade Renato Toniasso. Nascida em 14/11/1930, em Três Lagoas – MS, Flora Thomé – que sempre com amor e dedicação inseriu o mister literário e educacional no seu *modus vivendi* – partiu desta existência aos 83 anos de idade, na manhã de 01/04/2014, na mesma cidade em que veio ao mundo. O seu ingresso na ASL ocorreu na noite de 16/08/1986, e a solenidade teve como ponto marcante o seu Discurso de Posse, que assim se iniciou: “Tento superar emoção e sentimento, ressuscitar a palavra e dela fazer objeto de expressão, para sobretudo revelar e transmitir meu voto de humildade e orgulho pelo gesto de grandeza dos ilustres Acadêmicos, ao me agradecerem – através de legítima votação – com esta Cadeira”.

Filha de imigrantes libaneses, Flora Thomé nasceu numa família de sete irmãos. Na sua terra natal, ela realizou os seus primeiros estudos: foi alfabetizada pela profª Lídia Venditti, na tradicional Escola 2 de Julho: estabelecimento onde, em 1949, iniciaria a sua carreira no magistério, como professora primária, a convite de João Magiano



FOTO: ARQUIVO DA ASL

Flora Thomé, que ocupou a Cadeira 33 da ASL

“Acadêmica vibrante, Flora revelava, com humildade e doçura: ‘Situo-me como mais uma na Literatura de nosso Estado’”

e Eufrosina Ferreira Pinto. Em 1953, foi estudar na Escola Normal Dom Aquino Corrêa (de Três Lagoas). Posteriormente, frequentou o curso CADES (Campo Grande) e a Faculdade Estadual de Mato Grosso, adquirin-

do a sua formação como professora de Língua Portuguesa. Formou-se, pela UFMS, em Letras, e fez pós-graduação em Bauru – SP.

Definida por Glorinha Sá Rosa como “uma professora na acepção plena da palavra”, Flora lecionou – com o mesmo devotamento – para todos os níveis: do curso primário ao universitário. E ela própria, mesmo após a aposentadoria, era consciente da importância do magistério, ofício que exerceu por mais de quatro décadas, como bem afirmou: “Considero-me mais professora que poeta e escritora, tão feliz fui na profissão”.

Entretanto, Flora Egídio Thomé também assegurava: “Depois que me aposentei, encontrei na Literatura a razão do preenchimento de meus dias [...] não posso passar um dia sem ler, sem escrever ou sem ouvir música”. Assim, escreveu e publicou as obras: “Cirrus”, “Cantos e Recantos” (poemas), “Canção Desnuda”, “Retratos” (poesia), “Nas Águas do Tempo” (haicais), além de ter organizado a “Antologia Dimensional de Poetas Três-lagoenses”.

Acadêmica vibrante, Flora revelava, com humildade e doçura: “Situo-me como mais uma na Literatura de nosso Estado. Sinto-me feliz por fazer parte da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras... recebi homenagens. São momentos que enriquecem a própria existência, ainda mais quando não se tem filhos, nem um companheiro, como eu, porque estas coisas preenchem nosso vazio, diminuem nossa solidão”.

Descanse em paz, Flora... já não há vazio e solidão... Há a imensidão dos céus e as sendas floridas do infinito...

## Humilhação de uma rosa

**HELIOPHAR SERRA (1917-2011)** – pertenceu à ASL

Num canteiro, verdejante e florido, uma rosa conversava com um crisântemo.

– Pois é – disse a rosa – depois de longos anos descobri que os homens são maus, por natureza. Sempre foram! Descobri essa verdade porque, certa vez, o professor Pandófilo sentou-se num banco, aqui no jardim, e começou a ler, em voz alta, o maravilhoso livro de Laurentino Gomes. Fiquei horrorizada com o capítulo XX, que decorria sobre a escravidão. Homens ambiciosos e desumanos aprisionavam negros na África e os traziam para vendê-los aqui no Brasil. Era um negócio rendoso, superlucrativo! Dava status aos traficantes, que se tornavam pessoas importantes, respeitadas, bajuladas dentro da sociedade! Os negros eram tratados como animais! Numa dessas viagens da África para o Brasil, o capitão do navio, receoso de perder sua preciosa carga, com as doenças que se alastravam no navio superlotado, mandou jogar ao mar, ainda vivos, mais de cem negros! Com o passar do tempo, os homens pioraram. Deles eu, rainha das flores, sofri amarga humilhação. Fazendo parte de um bonito buquê, fui levada, como prova de amor, para uma charmosa mulher hospitalizada, mas, oh crueldade! Não me deixam entrar sob a alegação de que eu, rainha das flores, iria pestear o ambiente. Oh, crueldade!

E a rosa baixou suas pétalas chorando.

## As coisas perdidas

**ZORRILLO DE ALMEIDA (1927-2009)** – pertenceu à ASL

Ao longo da vida a gente vai perdendo objetos, sentimentos, amizades, sem mencionar a perda dos entes queridos que a morte levou. A Bíblia nos fala do Paraíso Perdido. Proust escreveu um livro notável, composto de vários volumes, cujo título, abarcando todos eles, chama-se “Em Busca do Tempo Perdido”.

E muitas, portanto, são as nossas perdidas. Começa quando perdemos a inocência, deixamos de acreditar em Papai Noel,

e somos como Adão e Eva, expulsos do paraíso. Um dia nos acontece perdermos a fé. E essa é uma perda significativa, pois nos separa de nossas amizades e nos leva a ter outra concepção do mundo e da vida. E continuamos a caminho do amanhã e perdendo o tempo passado.

Quanto animal doméstico de estimação um dia saiu de casa e não mais voltou? Perdeu-se. Entre os livros queridos, perdidos durante a vida, lembro sempre um missal de papai, de capa preta, e que tinha os textos, lado a lado, em português e latim. As parábolas, em latim, começavam invari-

## O Fórum

**OSWALDO BARBOSA DE ALMEIDA** – Cadeira nº 3 da ASL

Até a construção do prédio da Rua 26 de Agosto, entre a Avenida Calógeras e a Rua 14 de Julho, onde hoje é o Centro Cultural José Octávio Guizzo e o Teatro Aracy Balabanian, o Poder Judiciário em Campo Grande não tinha sede: as sessões do Tribunal do Juri eram realizadas no plenário da Câmara Municipal, na Av. Afonso Pena, junto à sede da prefeitura. Na frente do prédio, havia duas pequenas salas, uma de cada lado da entrada: numa funcionava o cartório da Distribuição de Feitos; a outra era a dos juizes, onde realizavam audiências. Os titulares dos cartórios notariais e de registros públicos eram também escrivães das varas judiciais: o 1º Ofício atendia a 1ª Vara, o 2º Ofício a 2ª Vara, e assim por diante. Ali pelos anos 1960, existiam em Campo Grande apenas três varas.

A comarca de Campo Grande foi criada em 19 de julho de 1910 e instalada em 12 de maio de 1911, sendo seu primeiro juiz Arlindo de Andrade Gomes, nome que marcou a história de Campo Grande. Com a inauguração do fórum da Rua 26 de Agosto, em 1970, foram criadas mais duas varas, sendo duas criminais e três cíveis. O prédio é amplo e foi dotado de gabinetes de juizes, salas de audiências, salas para os respectivos cartórios, uma para a Subseção da OAB, o plenário do Tribunal do Juri, saguão de entrada onde ocorriam os pregões, etc.

Foi edificado no terreno onde antes funcionou a geradora de energia elétrica em Campo Grande, uma empresa privada. Como registrou o engenheiro Kerman José Machado (filho da profª Maria Constança de Barros Machado), o gerador de energia era movido por um motor a óleo diesel, que pertencera a um submarino alemão afundado durante a Segunda Guerra Mundial, pelo que a população o apelidou de “Submarino”. Seu funcionamen-

to sempre foi problemático, pois, na adaptação foi instalado um eixo multiplicador ligando o motor ao gerador que não se alinhava no ângulo correto, o que motivava frequentes quebras e paradas, deixando a cidade às escuras.

Após a criação de nosso Tribunal de Justiça, instalado em 1979, simultaneamente com o Estado de Mato Grosso do Sul, foram criadas mais varas, que o edifício não comportava, obrigando a mudança de uma parte para um prédio alugado nos altos da Avenida Calógeras, proximidades do cemitério Santo Antônio: para lá foram as varas cíveis, ficando na 26 de Agosto as criminais.

Em 1983, com a inauguração do Parque dos Poderes, para lá se deslocaram os órgãos do Poder Executivo, que havia sido instalado no prédio denominado Edifício das Repartições Públicas Estaduais, na Av. Fernando Corrêa da Costa, onde atualmente está a Secretaria de Cultura do Estado, construído ao tempo do estado indiviso. Com isso, esse prédio passou a abrigar o Poder Judiciário de primeira instância da Capital, com muita precariedade devido à necessidade de muitas adaptações, vez que fora construído para outra destinação. Após avaliações técnicas especializadas, foram fechadas as sacadas, transformadas em salas para juizes e para algumas atividades de apoio.

Quase 20 anos depois, em 2002, é que houve a mudança para um prédio definitivo, o atual fórum, dotado de instalações adequadas, devidamente planejadas, com amplo espaço, situado na Rua da Paz, denominado Fórum Heitor Medeiros, em homenagem ao advogado mineiro que teve notável atuação em nosso Estado. Localiza-se a edificação no quarteirão formado pelas ruas da Paz, 25 de Dezembro, Barão do Rio Branco e Bahia. Em prédio anexo a ele, com o nome de Edifício Carlos Ferreira de Viana Bandeira, grande promotor que se destacou por sua atuação em nosso foro, também estão instaladas as promotorias de justiça.

velmente “In illo tempore...”

Quando não havia televisão, as crianças se deliciavam vendo livros ilustrados, com belas gravuras, e elas, as crianças, perderam a capacidade e a curiosidade de folhear um belo livro de histórias de fadas. As lembranças das pessoas queridas um dia, numa mudança, se perderam. E algumas se perderam tanto no tempo quanto no espaço. Finalmente, a gente começa a perder a memória, e a saúde, o que é bastante preocupante. O antônimo de perder é achar, e há um ditado que diz: “Bom é achar dinheiro em calçada alta” (porque não precisa nem se abaixar).

## +POESIAS

### Haicais

Sobre vitórias-régias  
O sol se derrama  
Compondo girassóis.

Me chamam de Flora  
A flor  
Que não se aflora.

Quando te sinto  
Nada me aflige  
Alma enxuta. Ponto final!

**FLORA EGÍDIO THOMÉ**

### Adaptações

É preciso ir enganando o óbvio,  
desenganando o básico  
em meio à realidade de que  
a vida é desigual para todos.  
Busco o imprevisível como escolha:  
o acordar de manhã e  
não ter compromisso com nada  
que aconteceu antes ou  
vai acontecer depois.  
Não me faz bem ter  
sempre os mesmos limites,  
tecer as mesmas atividades,  
possuir sempre similares perspectivas.  
Sei que a natureza não se modifica,  
o homem é que se adapta à natureza.  
Se a natureza não se adapta ao homem,  
não sou eu que vou me adaptar a esta fauna.

**HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO**

### Milagre do amor

Nem Julieta ou Marília de Dirceu  
Amaram tanto e tão eternamente,  
Como me amas, amor, e o quanto é teu  
Este ser que te amando é onipotente!

Vives por mim! Por ti eu sou vivente!  
Nossas vidas o etéreo dissolveu!...  
E mesmo na tristeza sou contente,  
Me fazes crente, se me sinto ateu!

Mas, também ciente de um final inglório,  
Sonho a certeza de um milagre lindo:  
Quando for de um de nós o frio velório

E o outro entrar, a pungente dor sentindo,  
Todos verão, num pasmo exclamatório,  
Que o morto move o olhar e chora rindo!

**GERALDO RAMON PEREIRA**

### Da violência humana

os companheiros lavam as mãos  
sujas de sangue  
próximos às torres das imensas catedrais  
ouvem, silentes, gritos e lamentos  
os ais na garganta reprimidos

já não os atormenta a lívida dor  
o som da batalha é estranha melodia  
o sal das lágrimas rega irônico  
as flores vermelhas do altivo horror

as trincheiras, quietas,  
aguardam  
da vida e morte  
o limbo  
desolador.

**ANA MARIA BERNADELLI**

### Mulher

Mulher é mais, sempre mais  
Mistura de mel, de melado  
Modelo mister, magistral  
Maestria, moral  
Mártir e martírio  
Medo e milagre  
Mito e mistério  
Mão e Mãe  
Mensagem de aMor  
Mulher é mais, é demais...

**MARCOS ESTEVÃO**